

Deponentes: Milton Campos de Souza e Fahid Tahan Sab

Entrevistadores: Helena Maria Penna Amorim Pereira e Augusto Rodrigues Borges

Data do depoimento: 02 de julho de 2015

HELENA: Depoimentos para a comissão da verdade Minas Gerais realizado no Laboratório de TV da Fumec. Hoje dia 02 de julho de 2015. Estão presentes Milton Campos de Souza e Fahid Tahan Sab ambos resistentes militantes na década de 60, 70 durante a Ditadura, que vão nos prestar depoimento especificamente sobre a morte de Aldo de Sá Brito Souza Neto. Nós sabemos que cada um de vocês teve uma militância grande e posteriormente nós, desde já agradecemos a presença, agradecemos a disposição, disponibilidade para dar este depoimento à Comissão da Verdade, mas neste momento nós precisamos esclarecer as circunstâncias da prisão e da morte do Aldo. Por isso eu vou fazer para cada um uma pequena abertura para vocês falarem sobre o que vocês se recordam dos respectivos episódios que podem nos ajudar a esclarecer os fatos. Primeiro Milton, em 06 de janeiro de 71 aconteceu um assalto que do qual você participou eu queria que você resgatasse a sua memória e nos contasse com a maior riqueza de detalhes possível. Como que foi aquele dia, quem você viu, o que você fez, o que os outros fizeram e o que você se recorda dos outros? Aí nos deixamos você falar e depois eu e o Augusto fazemos perguntas complementares.

MILTON: Pois não, esse dia 06 de janeiro foi marcada a supressão através da minha organização de militância político militar e eu trabalhava, estava marcado para encontrar com os companheiros e eu saí do serviço e fui fazer o encontro para fazer a ação, eu me lembro que eu participei com mais dois companheiros para pegar um carro. Depois, a sequência foi essa, depois que eu sai do serviço para fazer a ação, encontrei com dois companheiros, e fizemos o carro. Na volta eu saí do carro em algum ponto do centro de Belo Horizonte, eu saí do carro. Então eu não fui com o carro, de carro para a porta do banco, na porta do banco eu esperava na porta do banco e outro companheiro comigo e os outros eu não sei onde ficaram, pararam o carro e ficaram na retaguarda, para segurança aí o motorista dentro do carro e foi tentativa de ação por ai.

HELENA: Quantos entraram?

MILTON: Entrou, eu fiquei na porta e entrou um companheiro.

HELENA: Entrou um?

MILTON: É entrou um.

HELENA: Entrou um só?

MILTON: É eu quando eu entrei, porque nós tínhamos o seguinte artifício, como era final de expediente bancários, nós mostramos um envelope como se era para entregar o envelope lá na agência. A pessoa nem abriu, nos entramos eu fiquei na porta.

HELENA: Quantas pessoas no total, contando o motorista do carro, quantas pessoas estavam lá?

MILTON: Olha eu não tenho certeza, não tenho certeza, porque eu não os conhecia. Só o motorista que eu conhecia, que eu tinha feito contato com ele antes, dias antes também, conversando com ele e tal quando passou o que ia ser feito, agora quem participou, eu não conhecia, não conhecia.

HELENA: Que número de pessoas? Tinha você, o motorista.

MILTON: O motorista.

HELENA: Dois.

MILTON: E mais... com certeza dois. Que era o companheiro que entrou comigo no banco e o outro que me pareceu, aí não adianta falar que me pareceu, porque a procura aí é mais de detalhes da situação do companheiro Aldo.

HELENA: E depois vocês entraram.

MILTON: Entramos e alguém foi entrar e eu não deixei aí começou a dar um tumulto né, aí começou a ação e nós caímos.

HELENA: Tá mas como é que foi isso? Vocês saíram do banco, esse detalhe.

MILTON: É.

HELENA: Vocês saíram do banco pegaram o carro.

MILTON: É eu não sabia onde estava o carro, o detalhe é esse também porque eu não cheguei lá de carro com os companheiros. Colocaram o carro eu na retaguarda e o motorista no carro e na hora que deu, o tumulto na porta do banco e o companheiro saiu e todo mundo um rumo para a esquerda e eu fui para outro lado. Ele naturalmente veio de carro foi para o lado onde estava o carro, mas como estava muito tumulto ele saiu para um canto e eu sai para o outro. Eu falei: Eu vou sair para cá porque todo mundo vai correr ali. E policial lá vai chegando [*sic*].

HELENA: E você saiu por outro lado e o que aconteceu com você?

MILTON: Aí depois me pegaram né. Me pegaram caminhando.

HELENA: E você então não entrou no carro não sabe da trajetória seguinte.

MILTON: Não sei, não sei.

HELENA: É desse período um dos participantes, era o Nilton?

MILTON: Nilton Moraes.

HELENA: Nilton Moraes. Você conversou, você teve contato com ele?

MILTON: Não eu tive contato só depois lá no DOPS e depois na cadeia. Mesmo assim não cabia, por exemplo, até comentamos isso depois, que eu não estava fazendo aquela ação para fazer diário do que que era para Posteridade, eu saía do meu serviço ia fazer a ação e voltava para ele, como eu saía do meu serviço para fazer alguma outra coisa de ação mesmo e voltava para o serviço. Eu trabalhava na Companhia Força e Luz de Minas Gerais. E como eu não estava fazendo nada para a Posteridade eu ia e voltava eu não reparava quem que era que participou, eu sabia que eram companheiros revolucionários. Toda vez que eu encontrava com um eu sabia que ele foi designado para aquele trabalho. E no carro eu estou falando que eu fiz a ação no carro junto com o Nilton Moraes e mais um companheiro eu voltei e fiquei no centro e eu não me lembro do outro companheiro, eu não me lembro também não. Mais ou menos eu lembro é o companheiro que entrou no banco, que foi na hora que ele parou perto de mim, nós chegamos juntos, chegamos juntos no banco. Chegamos no mesmo momento, mas não fomos andando junto. Essa hora que eu vi o rosto dele o cabelo assim, óculos, estava de óculos.

HELENA: Descreve ele um pouco o quê que você lembra.

MILTON: Ele era um rapaz jovem e com cabelo meio crespo, baixo, e usava óculos e portava uma camisa de manga comprida.

HELENA: pele clara, escura?

MILTON: Não. Tez [sic] média, não era branco nem era negro, mas era, ele não era também chamado de moreno não, era uma cor queimado de sol atualmente ou qualquer outra coisa assim, mas eu não lembro.

HELENA: O que você, só a última aqui, o rapaz que você conhecia antes, por qual nome que você conhecia, o único que você já sabia quem que era?

MILTON: Não, conhecia por codinome não.

HELENA: O que você conheceu, o que você falou, não é esse não, o outro que você conhecia.

MILTON: É, exatamente, o que foi motorista do carro?

HELENA: É.

MILTON: Não, eu não.

HELENA: Não sabe o nome não?

MILTON: Não sabia nome não.

HELENA: De nenhum deles?

MILTON: Não, não, não. Nem nome e codinome que ele usava.

HELENA: Nenhum deles. Então tá, você pergunta que aí nós vamos para o Fahid.

AUGUSTO: A intenção nossa aqui é entender a participação do Aldo, principalmente não as condições da morte dele porque essa aí é mais difícil e a necropsia que vai nos falar das condições em que ele morreu, mas principalmente da prisão dele. E a dúvida que nós temos é se ele estava no assalto ou não. Então uma característica que tem o Aldo é que ele era dentuço, você acha que essa pessoa que você encontra na porta do banco era dentuça?

MILTON: Não.

AUGUSTO: Não, não é?

MILTON: Não, não, não. Com relação a Aldo eu fiquei sabendo que ele veio para Belo Horizonte por questões lá no Rio de Janeiro, ele foi transferido, veio para cá e veio morar aqui clandestinamente, ele já estava clandestino. Mas eu não me lembro, eu até comentei com vocês naquela outra época, aquele dia, que o, também o anão vai ajudar também não. O que eu sei, que eu posso dizer é só isso que eu já falei.

AUGUSTO: Milton, a descrição mais comum é que tinham cinco pessoas envolvidas no assalto, que duas entraram no banco, o relato, mas a gente pegando todos os relatos, a gente sabe da fragilidade dessas informações, mas parece que tinham cinco pessoas que dois teriam entrado no banco, entrado mesmo, você ficou dando essa cobertura na porta, e você chega a entrar num determinado momento, um pouquinho quando a pessoa, quando um cliente chega, e dois teriam ficado no carro.

MILTON: Um no carro e outro na retaguarda por ali, entre a gente e o carro.

AUGUSTO: E que na hora que termina o assalto você sai a pé e quatro entram no carro. Bom, a gente fica muito tentado de ver se o Aldo estava nessa cena, e ele possivelmente era um dos dois que entraram no banco, né, isso é uma visão.

MILTON: Se for ele mesmo realmente ele entrou que aconteceu depois do acidente.

AUGUSTO: O outro seria o Miranda e o Aldo, seriam os dois que teriam entrado. E os dois que teriam ficados mais afastados junto ao carro era o Nilton e o dois que entram, essa é a cena que a gente monta. E um depoimento seu, você fala de uma reunião que teve em Brasília, onde o Aldo estaria.

MILTON: Onde eu falo onde, de qual?

AUGUSTO: No depoimento seu do dia posterior.

HELENA: No processo.

AUGUSTO: No processo, é, não é aquele depoimento mais, eu vou achar aqui. No depoimento feito em 10 de janeiro você relata um encontro na casa de um companheiro que se chama Aldo ou Jorge, está escrito lá. Você encontra na casa dele e depois ele participa com você de uma reunião. Essa pessoa poderia ser a pessoa que participou do assalto? Estou tentando puxar a sua memória para ver se essa pessoa de Brasília estaria e se seria o Aldo?

MILTON: Não tem como.

AUGUSTO: Lembrar?

MILTON: Não tem como lembrar, não tem como.

AUGUSTO: No primeiro depoimento do dia 07, logo em seguida, tem uma pessoa que não é nomeada, hora nenhuma fala-se em nome e nem em codinome dessa pessoa. Isso me chamou muito a atenção, a gente sabe que esses depoimentos eram todos armados, escritos posteriormente, tem uma, no processo mais à frente o Fahid faz constar no processo que estavam ditando para eles os depoimentos, não é, Fahid? Não sei se você lembra disso.

MILTON: Só mandar eles assinarem, não é?

AUGUSTO: É. Então um cara ficava falando, falando com você o quê que você tinha que escrever, ditava o depoimento. E isso eu fico pensando numa fase já na presença de um advogado, então a gente imagina o quê que aconteceu no dia 07 que não tinha advogado ainda. Mas o que me chama atenção é que tem uma pessoa que não é nomeada nem por codinome e nem por nada, ele é chamado de terceiro conduzido e esse terceiro conduzido é que poderia, que a gente imagina que pudesse ser o Aldo. E me estranha o fato desse terceiro conduzido ninguém perguntar nada sobre ele, ninguém pergunta como é que ele era, você lembra desse terceiro conduzido e por que não se falava nele?

MILTON: Eu cheguei nesse mesmo DOPS direto, e de cara colocaram em uma área incomunicável.

HELENA: Vou fazer uma pergunta, nesse período do DOPS você foi torturado?

MILTON: Barbaramente, barbaramente, muita tortura.

AUGUSTO: No dia do assalto, conforme seu depoimento em 07 de janeiro, às 16h30min, você se encontra com o Dos Quinhentos e com mais um indivíduo que ficou conhecendo nesse encontro, e foram para o alto da Afonso Pena. De novo

aparece um indivíduo aí não nomeado, também nessa hora, você não vê a figura do Aldo nela?

MILTON: Não, não. Agora só interessante uma parte aí que aqui também, lá no DOPS, aqui, lá, toda hora aparece Dos Quinhentos, e os torturadores mencionavam sempre Dos Quinhentos.

AUGUSTO: Dos Quinhentos?

MILTON: Eu não sabia o quê que era Dos Quinhentos, porque era Dos Quinhentos. Me parece que depois me parece que eles acharam que tinha uma ação de quinhentos mil, Briks, e tinham que querer participar lá, que eu não sei que eu não sei nem que ação que é essa, que eu só sei aonde eu participava, onde não participava eu não sabia quem que participava, quem que era. Mas então, esse Dos Quinhentos também, qual que é o nome dele. Aparece aí?

AUGUSTO: Aparece, eu já ontem eu lendo o documento completo, eu achei o nome do Dos Quinhentos. Eu vou, Nonato, não é não? Eu anotei em algum lugar aqui.

MILTON: É, então tá, está bem, tá. O Nilton Moraes não está lá, não é? Pois é, esse Nonato, o Doutor Fahid aqui até comentou sobre o Nonato, Marcelo Marcos, Marcos Nonato. Mas aí ainda fiquei sabendo disso depois, né. Quando nós fomos no carro para o alto da Afonso Pena, eu me lembro somente do Nilton. Tinha um terceiro, tinha um terceiro sim, mas eu não me lembro da fisionomia dele.

AUGUSTO: Sim. Desculpa a minha amadoria.

MILTON: A questão aqui é para esclarecer, para clarear cada vez mais a situação do Aldo, não é?

HELENA: Porque acontece o seguinte, mesmo na apuração feita pela Comissão Nacional da Verdade, não existe uma versão só, existe mais de uma, existem três versões, em alguns momentos são duas, depois três versões sobre o dia da prisão e as circunstâncias que ele foi morto. Os documentos, esses, o Augusto leu todo o processo que vocês, você e o Nilton, com a defesa feita pelo Fahid, que vocês.

MILTON: O que está escrito lá, não é?

HELENA: É. Mas na denúncia de vocês dois tem essa versão que o Augusto acabou de falar, de que eram cinco pessoas e entre elas estavam você, o Nilton, o Dos Quinhentos, o Miranda e o Aldo, essa é a versão da denúncia. Nós estamos tentando apurar, porque denúncia é denúncia.

MILTON: Claro, eles colocam lá quem eles quiserem.

HELENA: Nós estamos tentando apurar se eram mesmo, se havia esse quinto elemento, que até o momento você não consegue lembrar se era quatro ou cinco, e se esse quinto era o Aldo, essa é a questão, isso dá uma veracidade a uma das versões. Aí o Augusto vai continuar que aí nós vamos ver o quê que o Fahid se lembra quando foi constituído o advogado, e você o quê que se lembra disso.

AUGUSTO: Milton, eu vou repetir a pergunta e já sei até a resposta sua que você vai falar que não sabe, mas são assim pontos que eu encontrei no depoimento que você teria se aproximado dessa pessoa que seria o Aldo. No seu depoimento do 07 de janeiro, você disse que Dos Quinhentos e Brito que também chamava Miranda, entraram no banco antes de você, você fala do Dos Quinhentos entrando. E no depoimento do dia 16/03, em Juiz de Fora, você informa que Miranda e um outro rapaz claro, mais ou menos com um metro de altura, entraram no banco. Você muda o depoimento, as pessoas que você fala no dia 07 não são as mesmas que você fala no dia 16 de março, um tempo depois. Se você tem noção dessa alteração sua, de depoimento, e a outra coisa é que o Aldo tinha, você fala, engraçado que você fala assim: “Mais ou menos um metro e oitenta de altura.”, é uma fala sua lá. E o Aldo tinha um metro e setenta e oito. Esse rapaz da pergunta anterior, esse outro rapaz você poderia ser o Aldo?

MILTON: Também você não falou esse também não, esse você está falando é agora, esse detalhe, mais detalhe.

AUGUSTO: É.

MILTON: Eu imagino o seguinte, eu não tenho como, a ditadura queria montar um processo e prender, matar, por mais que eles pudessem encontrar culpado ou não eles estão prendendo e matando. Eu não sou, não está em mim esclarecer tudo para eles a tudo que eles estão querendo, igual aqui também no caso eu não consigo porque eu não, por mais que, claro, vamos crescer a situação, primeiro do Aldo, da história, claro, não é, mas aqui eu não consigo, porque se eu soubesse, se eu tivesse conseguido eu estou falando para ajudar mesmo.

AUGUSTO: Sim, eu entendo.

MILTON: Esse negócio aí parece ser um negócio assim cinematográfico, a coisa, e quem participa assim igual você está participando, tipo meio voluntariamente, dá um entusiasmo, você falou que foi voluntariamente mesmo, você quer participar, quer falar.

AUGUSTO: Sim.

MILTON: Então é importante isso porque dá uma força, uma vontade de fazer, fazer, fazer sem preocupar com nada, com tempo, com nada, só quer participar, quer ajudar, quer esclarecer também o que em você pessoalmente também, já que você, tipo assim, está tentando ajudar e tal, você também cria em você uma perspectiva de resolver, de achar para você mesmo, eu mesmo vou procurar ajudar mesmo para satisfazer também eu mesmo. Claro, a gente também primeiro a gente ajuda a gente. Por exemplo, um negócio por exemplo, para ajudar a gente, quem vai preso, quem está preso de um modo geral a gente eu acho que a gente tem que defender primeiro a gente pela gente, aí defendendo a gente, e cuidando da gente a gente pode cuidar dos outros, e defendendo a gente pode defender os outros. Então claro que uma situação de defesa minha também.

AUGUSTO: Eu entendo perfeitamente, te peço desculpa mais uma vez por estar repetindo as perguntas, por estar insistindo em perguntas que você já disse que não sabe, mas é só para ver se numa dessas a memória tropeça e destrava.

MILTON: Mas lá em Juiz de Fora na auditoria, lá na auditoria eu fiz depoimento lá sentado naquele, com aquele Conselho Permanente lá e tal, com o Doutor Juiz lá, e eu sentado lá eu sei que eu estava sentado me botaram num sofá e eu fiquei lá, eu e o Nilton. Então eu me lembro, nem lembro se fizeram pergunta, o quê que eu respondi também, o quê que eu teria respondido também. Porque naquele momento, vamos especificar bem, ficar bem claro, naquele momento era um momento que eu estava lá e estava preso, então você está lá preso para verificar, claro, esperar ou esperar e verificar o quê que ia ser depois disso aí, a situação. Mas você não tem que pedir desculpa não, porque a gente pede desculpa só quando a coisa dói na pessoa, quando dói, física ou psiquicamente, aí eu peço desculpa, mas se não doeu nada disso eu não peço desculpa não. Que essas duas dores física e psíquicas são terríveis.

AUGUSTO: Mas o Aldo, os codinomes que aparecem nos processos para o Aldo, é Giovani, Vagner e René. E ele era considerado uma pessoa importante na organização da ALN no Rio e teria vindo para Belo Horizonte para organizá-lo aqui. E fala-se muito de uma pessoa importante que estaria nesse assalto, nos depoimentos de vocês têm essa pessoa, eu estava dando cobertura a uma pessoa importante. Mais uma vez a mesma pergunta, ouviu esses codinomes alguma vez?

MILTON: Eu falei isso que eu dava cobertura?

HELENA: Não, não foi você não.

MILTON: Eu falei nessa pessoa importante?

HELENA: Não, não, foi ele, não?

AUGUSTO: Sim. Eu conversei com o Fahid e a gente falava dessa estratégia de alterar, o Fahid estava te defendendo, então que você não tinha consciência de que estaria acontecendo um assalto naquele dia, ele me disse que foi uma estratégia de defesa que estava acontecendo, você estava ali só para fazer um levantamento e que tinha uma pessoa importante naquele cenário. E então é do depoimento seu que eu, ou da descrição do Fahid, mas tem sempre essa figura importante, Fahid, sabe, tem uma figura importante que precisa dar cobertura, que precisa mesmo não sendo um assalto, e esses três codinomes. Eu queria ver se com isso, com essa informação também tropeçava na memória aí.

MILTON: Oh, Augusto, para responder isso aí, para falar alguma coisa, não ficar calado, uma pessoa importante que eu lembro na organização era o Marighella, o Carlos Marighella, eu não lembro mais ninguém importante. Porque, claro, podia ter alguém entre o Marighella e tal, mas eu não lembro. Lembro do Marighella que era que através dele que nós, foi feita a ALN. Então depois disso eu não lembro mais de ninguém, porque o Marighella já é uma pessoa conhecida nome e tal.

AUGUSTO: Nacionalmente, é.

MILTON: Exatamente, agora usou-se, mesmo que não está na clandestinidade, tem que usar codinome para encontrar, porque a minha situação era limpa, eu saía com relação à ditadura, eu saía do emprego, do serviço, e encontrava, mas não tinha nome também, era só fisionomia.

AUGUSTO: Uma coisa que eu queria te perguntar, a gente sabe que os depoimentos na polícia são sempre manipulados, igual tem essa denúncia do Fahid que ele era ditado. E você percebia no primeiro depoimento, especialmente no primeiro, alguma indução no sentido de esconder alguém, de deixar alguém no anonimato?

MILTON: Não.

AUGUSTO: Assim, porque ninguém pergunta, por exemplo, se eu fosse do DOPS eu perguntaria para você: “Você conhece o terceiro conduzido? Você sabe o codinome dele?”. Não há essa pergunta, dando a impressão que a própria polícia tinha interesse em não falar quem estava ali, como se eles já soubessem que era o Aldo e não quisessem revelar. Que passa, esse terceiro conduzido passa assim batido ninguém pergunta, não há para você a pergunta: “Você conhece o terceiro, o moço que pulou do prédio?”. Certo. Deixa, eu ver se eu tenho mais alguma coisa assim.

MILTON: Finalmente é o seguinte, no caso de esclarecimento, não é, se foi realmente o Aldo que entrou no prédio na Floresta e pulou, se foi realmente ele, se foi ele, já levantou isso, se certificou disso? Porque a dúvida é toda essa.

HELENA: Não, essa é a questão.

MILTON: Essa é a dúvida.

HELENA: Continua.

MILTON: Continua, pois é.

HELENA: Porque que, quero te perguntar a última coisa, porque que você fala em prédio da Floresta?

MILTON: Porque eu fiquei sabendo depois que o carro na fuga acabou entrando numa rua na Floresta, me parece, isso fiquei sabendo depois, Rua Ponte Nova, e a rua não tinha saída.

HELENA: Foi lá que eles entraram, teriam entrado nesse prédio?

MILTON: Desceram do carro e entraram no prédio. Parece-me que o Nilton Moraes, eu não conversava com ele na cadeia detalhe nenhum, nada, o quê que foi feito, como é que era, o quê que nós fizemos, relembramos nada disso, nada, não era nem para reativar a memória lá porque não era o caso nosso. Aí parece que ele, a Rua Ponte Nova foi mencionada depois no noticiário, mas parece que ele falou isso mesmo rua (trecho incompreensível).

AUGUSTO: (Trecho incompreensível)

HELENA: Mas no indiciamento de vocês, na denúncia, na denúncia que é aí que nós vamos começar com o Fahid, sua e do Nilton, que o Fahid acabou defendendo, não está dizendo nem Rua Ponte Nova nem Rua Pouso Alegre, está dizendo.

AUGUSTO: Rua Santa Maria.

HELENA: Rua Santa Maria 133.

FAHID: Depois eu explico isso.

HELENA: Pois é. Então eu queria que você, porque até procurei Rua Santa Maria, só existe lá em Contagem, não existe rua em Belo Horizonte hoje com esse nome.

MILTON: Lá perto tem o Colégio Santa Maria.

HELENA: Tem o Colégio Santa Maria.

FAHID: Tem, mas tem a Rua Santa Maria, só se mudaram o nome agora há menos de um ano.

HELENA: Não, é porque eu procurei no Google só.

FAHID: Tem, tem sim.

HELENA: Bom, então vamos, Fahid, você como advogado do Milton e do Nilton, podia ver pela memória o que a gente pode fazer sempre lembrando, eu vou contar um caso que eu acho que nos ajuda porque é uma agonia a gente não lembrar de tudo, perguntas agora que na época você não estava preocupado. Tem um dos mortos que nós estamos apurando é o Nestor Veras, e ele não é um morto, ele é um desaparecido, não tem corpo dele até hoje. A última pessoa que o viu e que está viva é o Francisco Neres, que esteve com ele, sabendo o nome dele todo, esteve com ele numa reunião, e o deixou perto da rodoviária e daí nunca mais ninguém o viu. E nós estamos tentando apurar em qual dia, em qual mês, nem é o dia mesmo, em qual mês que foi isso. Supostamente no ano de 75, agora em qual mês. E várias vezes nós fizemos com ele isso que estamos fazendo com você, e aí um dia ele virou para mim e falou assim: “A gente não sabia que ele ia sumir.”, como a gente não sabia que ele ia sumir ninguém guardou que dia que era, nós só soubemos que ele tinha sumido meses depois, as comunicações não eram como hoje. Então como foram meses depois, eles já não recordavam exatamente quando é que tinha sido. Então nós sabemos disso.

MILTON: Boa pergunta, boa resposta dele de supreendência [*sic*] e de indignação também porque ele não sabia.

HELENA: Porque a gente tentava ver assim o quê que é, agora nós estamos tentando juntar isso com uma gravidez de uma pessoa, porque ninguém lembra, não é só ele não, uma gravidez de uma moça que hospedou o Nestor Veras naquele dia. Pela gravidez talvez a gente saiba porque tem o registro de nascimento, talvez a gente saiba melhor. Mas então nós sabemos que isso, mas de qualquer forma às vezes alguns dados que vocês expressarem, nos ajudem a construir ou pelo menos a dar mais validade para uma ou outra versão. Com isso, Fahid, o quê que você lembra da procura desse processo e talvez especialmente do que o Nilton tenha te falado, porque o Nilton estaria dentro do carro, o Milton foi a pé para o outro lado e o Nilton estaria dentro do carro. Sobre isso o quê que você?

FAHID: Sobre isso é o seguinte, isso ficou caracterizado, inclusive Geraldo Magela e eu fomos no local, fomos até a paróquia conversar com o padre para ver se ele sabia do papo, aqueles papos não de confessorário, mas papos paroquiais. O padre amarelou, como todo mundo amarelava na época. Quem nos deu algumas informações que batiam com as informações que o Nilton nos deu, que o Nilton não participou da operação, do tiroteio em que morreu o Marcelo, um garoto. Esse menino

chamava-se, morreu em acidente, soube, o pai dele era gerente do BEMGE e deu o nome do filho de Heleno, o pai dele era botafoguense e tinha um grande craque mineiro, por sinal, jogando no Rio de Janeiro chamado Heleno. Esse rapaz nos deu mais ou menos uma visão do que ele ouviu, não no momento, mas do que ele ouviu a posteriori das pessoas por perto. Então a versão da polícia quanto à fuga, ela só falseou, pelo que nós apuramos, ela só falseou a posição do Nilton para justificar a denúncia contra ele de que ele teria sido o autor do disparo que atingiu a cabeça do garoto, do adolescente. Que na realidade isso é uma história que nós provamos com laudos, requeremos laudos, é uma história que foge ao problema do Aldo, é uma história que eu tenho o processo comigo que talvez no dia, por isso que se tem alguém que tem razões de sobra para não postular em momento algum a pena de morte, apesar do aspecto ético, também do aspecto material, porque o erro, qualquer erro que conduz a uma condenação à morte, ele é irreversível, não há indenização que paga. Mesmo a indenização que se pague a liberdade que foi tirada de forma indevida, ela não supre a liberdade, então a execução, e esse fato me levou, ela realmente é passível de erro, então temos vários erros judiciais. Então o que ficou mais ou menos descrito desde o momento que o Milton foi apanhado na porta do banco e foi, a descrição eu tinha para mim depois clareando eu lendo o processo eu lembrei do tal do Miranda que evadiu, ele teria evadido com o Dos Quinhentos, e depois eu vou entrar no outro aspecto que não é do processo e não como advogado, que acha que eu vou prender vocês. Por isso que eu digo que quanto à presença do Aldo na ação, na fuga, e no embrenhamento [sic] deles dentro da edificação, dentro do prédio da Rua Santa, depois nós olhamos no mapa, vou te mostrar, pode até ser outro nome também a memória de 180.

AUGUSTO: Eu já olhei aqui tem a Santa Maria sim.

FAHID: Tem Santa Maria. Então ela liga a Rua Jacuí à pracinha, à Praça Negrão de Lima. É tanto que na defesa, quando eu fiz a defesa deles eu invoquei a praça onde eu vivi parte da minha adolescência, que é a parte da Praça Negrão de Lima, que eu morava na Floresta. Então até o momento do ingresso deles no prédio, as versões são essas.

HELENA: Eram quatro pessoas no carro?

FAHID: Quatro pessoas no carro, dois na frente e dois atrás, dois evadiram, e dois entraram.

HELENA: E os que ficaram era o Nilton e esse outro?

FAHID: Não foi negado no processo, não foi negado pelo Nilton, não foi negado pelo Dos Quinhentos, posteriormente, porque eu ajudei a tirar o Dos Quinhentos de Belo Horizonte. Aliás, esse é um fato que não consta do processo, eu ajudei humanitariamente.

AUGUSTO: Era esse Nonato?

FAHID: A tirá-lo daqui, eu sem saber, não olhei para trás, não olhei a cara dele, ele estava, estava Afonso Cruz, eu, eu era advogado da Associação dos Servidores do DNER, então se houvesse alguma coisa, alguma parada de patrulha os patrulheiros todos praticamente eu conhecia na época, para facilitar a passagem, então eu fui ao lado do Afonso Cruz. Atrás foi sentado esse rapaz que é o Dos quinhentos, e se a memória não me falha foi o Manoel, foi o Manoel e um outro carro na frente, estava aguardando para levá-los, dirigido por um rapaz chamado Valmir com uma moça chamada Deia, que era estudante de medicina, aguardando o transbordo. Então o Manuel, ah não, digo, não foi o Manuel não, foi o Mário Bento, o Mário Bento. Então levaram ele para Lafaiete, o Dos Quinhentos, e posteriormente o Manuel fez contato comigo articulando por telefone numa conversa sempre cifrada, para o Dos Quinhentos ir e encontrar ou meu irmão ou alguém indicado por ele já em São Paulo para tirá-lo lá de Lafaiete onde ele estava escondido, o Dos Quinhentos, o Dos Quinhentos. Depois eu soube que esse rapaz morreu numa ação lá em São Paulo, uma ação numa boléia de caminhão e tal. Até o nome dele eu me esqueci, porque isso que o Milton, essa dificuldade, na ocasião nós ajudamos a tirar um rapaz chamado Hélcio Pereira Fortes aqui, nós fomos, eu e um amigo, dar uma cobertura a ele num ônibus, sem nunca tê-lo visto. E o meu contato era o Arnaldo Rocha, então o Arnaldo nunca negou que tenha sido o Aldo que entrou ali.

HELENA: No carro, que estava?

FAHID: Que estava. Então aquilo já vazou que era o sobrinho neto do Cardeal Dom Jaime Câmara. Então quanto ao Aldo, a possibilidade de não ser ele, pelas informações que eu tenho da época, salvo o fato novo, que podia ser uma pessoa e eles próprios não saberem que era ele. A coisa era tão clandestinizada [*sic*], tão estanquizada [*sic*] que a possibilidade existe, ela não é afastada. Mas acontece que eu não vejo razão lógica para esse afastamento, então o que ocorreu com o Aldo é que ele foi morto em razão de utilizarem os ferimentos, de terem supliciado ele, é o ponto de vista meu, supliciado ele sem dar-lhe o atendimento médico de quem saltou e se machucou de uma forma ou de outra. Porque não há negativa nenhuma até de

moradores na ocasião de que um pulou, agora se foi o Aldo, um pulou, um morreu, agora nesse processo que eu tirei cópia dele, o processo inteiro se vocês pegarem o inteiro teor, eu ia requerer o inteiro teor, mas o Ministro Presidente não ia conceder, que é o que eu quero até para, assim, lembrar a memória de umas pessoas mais inteligentes que eu conheci que chama-se Geraldo Magela de Almeida. Então realmente foi um trabalho magistral que nós fizemos de investigação, de defesa de preso, preso pedido a pena de morte, hoje os professores de Direito não sabem que nós tivemos a pena de morte no Brasil instituída durante vários anos, desde o, logo após AI 5, até a pré-abertura com a mudança da lei de segurança nacional, aproximadamente entre, se a memória não me falha, 08 a 10 anos, por aí, por aí. Então era uma defesa que tínhamos que fazer com todo o cuidado. Conversamos com o Nilton, mas pô, eles escondiam da gente, claro, isso faz parte. Então nós fomos investigar e apuramos que ocorreu mais ou menos uma parte dela, a única era essa. É tanto que em balística a posição do Nilton, mesmo que fosse ele, era inverossímil, que ele estivesse atrás do poste, era inverossímil que o tiro partisse dele, o tiro partiu da polícia. E quando a fuga se deu eles saíram do banco, prenderam o Milton, ele foi detido na hora, eles fugiram no carro, pegaram a Pouso Alegre no início dela lá embaixo, subiram a Pouco Alegre, entraram na contramão cujo nome de rua esqueci, mas é fácil, a gente pega ali, entraram na contramão, aqui faz a confluência, onde eles fecharam com o carro e a polícia pegou na, a Delegacia de Polícia pegaram o carro e foram atrás. Houve comunicação por rádio, houve alguma comunicação eu sei que foram na cola, e não tenham dúvida, quem disparou no menino foi um dos policiais da perseguição, pela balística. Agora que quem entrou no prédio foram o Nilton, que foi preso dentro do prédio, que ele, veja só como é inverossímil, ele ia sair de trás do poste, correr para a linha de tiro para entrar. Então ele entrou direto, e o menino que estava atravessando, o rapaz alto, filho do jornalista, na época do Maurílio que era da Manchete, o garoto estava passando acho que era a mãe dele que morava, ele estava passando uns dias com a mãe, que era um casal separado, o coitado do garoto me pega um tirambaço [sic] na nuca e ascendente saindo na testa, eles inverteram. Então o Nilton entrou, entraram dois, que aquele que pulou nunca foi negado, nem quando nós transportamos o Dos Quinhentos, ele não falou para o Manoel, Manoel está vivo até hoje, dos poucos, Manoel depois fez concurso do Ministério do Trabalho, eu também fiz, viemos nos encontrar, o destino fez nos encontrar. O Manoel hoje eu acho que está morando não sei se em Santa Luzia, Lagoa Santa, por aí. O Manoel poderia,

ele tinha o Arnaldo morreu, então nem o Arnaldo me disse que aquele não seria o Aldo, nem o Manoel em disse. No transporte tivemos ocasião, eu falava menos e até na volta eu até pedi que não se falasse, quanto menos se falava menos se sabe e nem levar perto de casa, me larguem em casa. É tanto que o Afonso foi preso porque ele era dirigindo o carro, e eu não fui entregue, eu não fui preso, eu fui preso em outra ocasião em São Paulo, outra coisa. Então as informações que eu tenho da época casando com o processo, e aqui que eu falei eles não ditavam na presença do advogado não, não, era ditado lá. O meu depoimento em São Paulo eu fui assinar um documento que já estava pronto, como preso. E o meu foi um pouquinho só alterado, um pouquinho de nada que não trazia nenhum tipo de consequência, os depoimentos assinados. É tanto que os depoimentos, isso que é interessante, as Comissões da Verdade levantaram os processos do Superior Tribunal Militar, porque ali vocês vão encontrar, eu disse isso para a Comissão da Verdade Nacional, não sei se eles fizeram esse trabalho. 80% da verdade tem indício dela ali dentro ou 90%, dentro dos processos que estão nos arquivos. É tanto que no livro Cova 312, da Daniela Arbex, ela foi buscar a prova final lá. Tem um documento falso com um nome falso do rapaz que seria o Aldo, porque eu não conhecia o Aldo pessoalmente, não posso afirmar, está dentro do processo.

HELENA: Fernando Bacelar?

FAHID: Está dentro do processo.

HELENA: É isso que eu queria perguntar, se você alguma vez já conheceu, ou se você, Nilton, já conheceu, já ouviram falar.

FAHID: Eu não, só se ele.

HELENA: Fernando Antônio de Araújo Bacelar.

FAHID: Eu não tenho, está dentro do processo, mas dentro do próprio processo vocês vão ver que depois apuraram que o rapaz seria esse, não sei se é esse.

HELENA: É esse mesmo.

FAHID: Tem um documento de identidade, quase que eu pedi um xerox, eles podiam negar e eu perderia a credibilidade junto com o pessoal do arquivo, traria problema para mim posteriormente se eu fosse requerer os documentos.

AUGUSTO: Esse documento ele está com a foto do Aldo e com outro nome?

FAHID: Está dentro do processo.

AUGUSTO: Com a foto do Aldo e outro nome?

FAHID: Com a foto de uma pessoa que seria o Aldo, aquele, do que morreu, o documento falso.

AUGUSTO: A Helena tinha esse processo?

FAHID: Vocês tiraram ele, Helena, no Superior Tribunal Militar?

HELENA: Não, é porque esse processo está catalogado no Projeto Brasil Nunca Mais, e agora a gente tem acesso para eles na internet, todo o processo. Esse que você tem uma parte?

FAHID: Olha, vocês localizaram a página com esse documento?

HELENA: Não, porque eles eram (trecho incompreensível).

AUGUSTO: Eu localizei.

FAHID: Só anexos, só anexos às vezes.

AUGUSTO: Eu localizei.

FAHID: Às vezes são anexos, sabe? Às vezes são anexos esses documentos.

HELENA: Ele que olhou tudo, seiscentas e tantas páginas.

AUGUSTO: Foi, eu que olhei.

FAHID: Então ali vocês vão encontrar, então.

AUGUSTO: Eu encontrei.

FAHID: Pelo que eu sei, pelo que eu conheço, pelas pessoas com as quais eu conversei, nunca em momento nenhum foi negado que aquela pessoa teria sido o rapaz que era sobrinho do cardeal, portanto o Aldo. Agora, eu não tenho a menor dúvida que se o Aldo foi vivo para o DOPS, por causa de um tombo, ele não foi socorrido, se ele não foi socorrido ele foi torturado. Isso me foi dito por um torturador que o Torigoe chegou lá baleado eles enfiavam o dedo no buraco da bala do Torigoe. E digo mais, aquele negócio, o delegado que assinou tenho minhas dúvidas se o delegado que assinou o inquérito que determinou no processo da pena de morte, que responderam Milton Campos e o Nilton, o Nilton foi pedida a pena de morte, aí ele não porque ele não teria sido autor de disparo que teria matado o Aldo. Então se você vê, eu tenho para mim que o delegado que assinou aquilo pode ter acompanhado um outro interrogatório, mas interrogatório bravo, um interrogatório bandido, o interrogatório era feito pelas equipes especializadas do DOI-CODI, já estava feito em forma científica o sistema repressivo brasileiro. A operação foi tentar buscar meu irmão em casa, era o embrião dela, foram lá o Capitão Portela e o Capitão Paulo Vitor, um da Polícia Militar o Paulo Vitor, e o Portela, Wilson Portela do Exército. Foi a primeira missão conjunta que antecedeu em algumas semanas a operação

Bandeirante que foi a inspiradora dos DOI-CODI, que eram feitos cientificamente. O problema deles não era incriminar ninguém, era informação, eles queriam que a guerrilha continuasse para manter a ditadura, mas queria que ela continuasse sob controle para que ela não machucasse eles tanto como esses meninos machucaram. Eles deram um trabalho, gente, se vocês imaginarem o trabalho que essa garotada deu para o aparato, para o aparato de defesa do estado, ele demonstrou que ela é vulnerável, e o crime organizado hoje está provando isso. Então que eu posso, Helena, eu gostaria imensamente de dar um elemento concreto. Agora eu não tenho dúvida de que se é o Aldo, quem foi aquele rapaz que caiu, ele foi morto, não em razão dos ferimentos, ele foi morto porque os ferimentos não foram atendidos e os impedimentos poderiam, creio eu que poderiam ter sido usados, e há evidências de que sim, até pelos laudos, para extorquir deles informações, ainda mais se for o Aldo que veio quando descobriram que era ele, por ele fazer parte do Comando Nacional, coisa assim, do Rio de Janeiro, era equiparado em comando. Então eu acredito que se ele fosse socorrido ele estaria aqui ou morreria posteriormente por obra e graça do destino, e não por aquele destino imposto pelo regime autoritário através justamente de métodos desumanos para extorquir informação.

HELENA: Nenhum de vocês têm lembrança de algum preso político, desses dias aqui em Minas, que tenham convivido com o Aldo, ou tenham visto o Aldo na prisão, ou no DOPS ou seja para onde ele foi levado. Você foi levado para o DOPS?

MILTON: Fui levado para o DOPS.

HELENA: Depois do DOPS, você ficou no DOPS quantos dias?

MILTON: Eu não me lembro, não me lembro, não lembro não.

HELENA: Mas você ficou no DOPS, você não foi levado logo para outro lugar?

MILTON: Não, não.

HELENA: Ficou no DOPS e de lá você foi para Linhares?

MILTON: É, para a Polícia do Exército em Juiz de Fora, fui para Linhares.

HELENA: Para Linhares. O Milton você lembra?

FAHID: Foram juntos, foram juntos.

MILTON: É.

HELENA: Foram juntos para lá. Porque tem uma questão de data que é o seguinte, o assalto foi no dia 06, o atestado de óbito do Aldo é do dia...

AUGUSTO: 07.

HELENA: 07?

AUGUSTO: É.

HELENA: 07, no dia sete?

FAHID: Isso é um dado fantástico. Ele não morreu em hospital sendo socorrido, consta que ele morreu em hospital?

HELENA: Não.

AUGUSTO: Consta que ele morreu no Hospital Militar.

FAHID: No Hospital Militar. Consta no laudo médico do atendimento anterior?

AUGUSTO: Não, só tem a necropsia, só tem a necropsia dele falando que ele foi para o Hospital Militar.

HELENA: Nós vamos tentar conseguir a ficha médica lá.

FAHID: Na lógica era utilizado, era utilizado.

HELENA: Eles até agora não liberaram nada não, nós estamos tentando.

FAHID: Vocês já devem ter mais ou menos, está dentro mais ou menos, é verdade. A possibilidade de não ser o Aldo, viu, gente, a possibilidade de não ser o Aldo, pelo que eu ouvi dessas pessoas todas, não só no processo, no que está no processo, como também essas pessoas com as quais eu convivi. O Arnaldo que eu ajudei inclusive a tirá-lo de Belo Horizonte, o Dos Quinhentos, as conversas com o Manoel. Então essas pessoas envolvidas, meu irmão não, que meu irmão estava em São Paulo ainda, ele apenas recepcionou até a prisão dele no final de 71, ao longo desse ano, o deslocamento, nenhum deles (trecho incompreensível), pelo contrário, ficou mais ou menos evidenciado que aquela pessoa era o sobrinho, era uma pessoa importante sobrinha do cardeal, que o próprio cardeal intercedeu, tentou interceder aqui, posteriormente, mas já estava morto o rapaz, o cardeal ele pode fazer, ele pode encomendar a alma, mas não ressuscitar.

AUGUSTO: Fahid, você, nós não temos dúvida nenhuma, eu não tenho dúvida nenhuma, estou falando nós, mas eu não tenho dúvida nenhuma de que uma pessoa pulou daquele prédio da Rua Santa Maria. Por que eu não tenho dúvida? Porque tem um depoimento de uma mulher, de uma vizinha, que diz assim: “Tem um caído ali, sabe?” Então assim, apesar desse processo que eu acabei lendo ontem, tem 600 páginas, ele tem uma série de fotos, tem foto do banco de tudo quanto é jeito, foto da caixa forte, foto de um pano no chão, e não tem foto do lugar que essa pessoa caiu, é muito engraçado isso. Você tem uma queda.

FAHID: Mas é explicável, eles recolheram (trecho incompreensível).

AUGUSTO: Uhn?

FAHID: Recolheram, significa que ele não estava tão moribundo, ele não estava tão arreventado. Consta que ele teria, estava com dificuldade de andar por causa da bacia é o que consta. Então não haveria necessidade da foto no local, esperar perícia como se fosse batida de carro.

HELENA: Se ele tivesse morrido.

AUGUSTO: Lá no local.

AUGUSTO: Fez foto do banco, fez foto de tudo quanto era lugar, fez foto da faixa do prédio, tem um monte de foto e não tem uma foto do lugar?

FAHID: Mas é porque chegou depois a perícia, ele já tinha sido levado.

AUGUSTO: Sei, podia falar: “Foi aqui que o cara caiu.”, já estava limpado, tudo.

FAHID: É um detalhe, pena que não aventou, não aventou.

AUGUSTO: Eu achei isso aí, mas você disse que não tem, então assim, outra coisa que, duas coisas que eu tenho convicção, uma, que alguém subiu com o Nilton e pulou do prédio. Segunda coisa, que a pessoa foi torturada, isso seja ela quem for, seja ela quem for. Lógico que a pessoa cai de um prédio, quebra a bacia e depois podia ser socorrida. Agora você fala que não dúvida e um argumento seu.

FAHID: De que entrou, agora não tenho conhecimento de que não tenha sido o Aldo, ninguém me disse que ele não seria o Aldo. Agora é aquilo que eu digo, pode não ter sido, pode não ter sido e ter entropo [sic] que tenha sido o Aldo, mas todos aqueles circundantes nenhum deles em nenhum momento levantou que não fosse o rapaz que o ponto de referência do Aldo não era só por ele ser importante na organização, o que mais explodiu por ter sido primo neto de um cardeal, um comunista sobrinho neto de um cardeal.

HELENA: Conservador.

FAHID: Isso chamou atenção bastante. Então isso não foi na época ninguém negou, por isso que eu acredito.

AUGUSTO: Quem que poderia contestar, quem teria interesse em contestar essa versão?

FAHID: Mas se não fosse ele, ele soubesse, é porque saiu o nome que era ele, o nome foi divulgado, houve a divulgação. Então essas pessoas teriam negado para nós em conversa de que aquele não era o Aldo, e esse Aldo não consta a prisão dele, não sei, vocês devem estar apurando, em outro lugar.

HELENA: Não consta.

FAHID: Não consta. Então eu tenho para mim, Augusto, eu tenho para mim, eu tenho para mim, porque eles eram tão autoritários que eles não iam sofisticar tanto, eles não precisavam sofisticar. Onde que eles deixaram bastante vulnerabilidade para as apurações históricas da utilização da tortura? Eles não faziam questão nenhuma de disfarçar.

AUGUSTO: Preocupava com isso não. Fahid, tinha uma.

FAHID: Para mim eu acho que a possibilidade de ter sido o Aldo, aquela pessoa que pulou, é muito grande. E se a fotografia daquele documento apreendido, aquele documento apreendido, se for do Aldo mesmo o documento apreendido com aquele nome, você não tenha dúvida que foi ele, aí fecha, aí fecha. Porque não haveria necessidade de colocar um documento falso dele, tirar tudo para colocar num processo que já estava pensado antes, que já estava em trâmite, eu não via razão. Se mataram o Aldo porque que eles iam colocar o Aldo ali?

HELENA: Porque vamos fazer um raciocínio.

FAHID: A quem interessava isso? Qual a razão?

HELENA: E com o outro raciocínio, ele morreu de fato no dia 07, ou no dia 08, não sei porque, o laudo está escrito dia 07, mas foi registrado no cartório no dia 11, por isso que eu estava com essa dúvida.

AUGUSTO: Lá no Rio de Janeiro.

HELENA: Foi registrado dia 11.

FAHID: É o que eu falei, pode ser que você tenha razão, eles podem ter dado dia 07, porque esconderam do cardeal quando ele se movimentou, é uma versão interessante.

HELENA: E depois eles estavam, ele morreu aqui Minas.

FAHID: É um bate-papo interessante esse agora, essa versão que você deu.

HELENA: Ele morreu aqui em Minas, se não foi, se ele não fez parte, se não tiver feito parte desse assalto, teria que ter tido informações de uma outra operação policial que tenha prendido ele, e não existe nenhum relato, existe?

AUGUSTO: Existe.

HELENA: Existe, uma das versões é isso.

AUGUSTO: Não, existe uma versão não, essa informação é novíssima porque eu vi ela ontem à noite, fui dormir duas horas da manhã essa noite, lendo esse processo. Existe a informação que o Aldo foi preso na Pampulha, na Rua das Acácias, no

estouro do sétimo aparelho, sétimo aparelho, eles estouraram sete aparelhos em decorrência dessas informações. E tem essa informação lá, que ele foi preso.

FAHID: Mas não é um codinome?

AUGUSTO: Não, nessa hora já não tinha codinome. Esse documento, esse processo, na página 382, fala da prisão de Aldo no aparelho Jardim das Acácias.

FAHID: Mas tinha um que tinha.

AUGUSTO: 317, na Pampulha.

FAHID: Mas dá o sobrenome?

AUGUSTO: Dá o nome, já estava dando o nome completo nessa.

FAHID: Aí o Aldo de Sá Brito?

AUGUSTO: É.

FAHID: Dentro do próprio processo?

AUGUSTO: Dentro do próprio processo.

FAHID: Então uma contradição, está dentro do próprio processo.

AUGUSTO: Sim, sim senhor, tem muita contradição.

HELENA: Só não foi esclarecido porque como ele morreu, nada a respeito dele foi até o final, essa é a outra versão que se tem.

MILTON: O cardeal já faleceu será?

FAHID: Já deve ter falecido.

AUGUSTO: Olha, essa informação, isso é uma informação que tem lá, o que eu estou trazendo para vocês aqui que não.

FAHID: Mas é no inquérito?

AUGUSTO: No inquérito. Você está me perguntando uma coisa técnica, está no meio da papelada lá, eu não sei o quê que é aquilo.

FAHID: Mas qual página, daquela que eu passei para você?

AUGUSTO: Não, você me passou parte, a Helena me passou o 642 páginas do processo inteirinho que você me sugeriu ter.

FAHID: Porque vocês não pedem ao invés de ficar olhando na internet, você olhando papel, manuseável, no papel.

HELENA: É mais fácil, a burocracia é grande.

AUGUSTO: Mas olha, outra coisa que eu quero falar com vocês, tem a foto, tem uma foto lá de um corpo lá no IML, e depois tem a foto mais de frente, né. Eu vejo, por exemplo, na internet, dá uma resolução muito ruim. Eu tenho interesse em pedir isso os originais para a gente ver se essa pessoa deitada ali se é o Aldo. Bom, mas então.

HELENA: Foi reconhecido pela mãe, quem enterra, esse corpo foi visto, eles mataram também ele.

AUGUSTO: Então esse processo militar, que é onde você fala que a coisa fica mais verdadeira, fala disso, mas também tem muita.

FAHID: O auto de prisão em flagrante pode te dizer, porque eles não tiveram tempo, eles vieram a descobrir já dentro do DOPS, porque na ocasião, senão eles tinham levado para a Furtos, porque todo crime de ação contra estabelecimento bancário, a lei de segurança vigente, porque para evitar que as pessoas se camuflassem em bandido comum: “Ah, eu sou ladrão comum.”, e não comprometesse a estrutura organizacional do grupo a que ele pertencia político, então ele se fantasiava. Então para evitar que houvesse esse canal de fuga em assalto de banco, qualquer assalto a estabelecimento bancário era capitulado na Lei de Segurança Nacional, era investigado e penalizado pelas autoridades do DOI-CODI, pelas autoridades policiais militares. Então por isso que levaram eles para o DOPS, senão teria ido para Furtos ali pertinho.

AUGUSTO: Entendi. Então eu fiquei muito assustado.

FAHID: Merece um exame realmente, esse documento, merece um exame, merece. Erro se esse Aldo é Aldo Sá Brito, então seria um caso até de levantar com prova material.

HELENA: Você tem informação, Milton, nesse período você lembra de ter mencionado da queda desse aparelho na Pampulha, você tem algum, ou depois, nada, você nunca ouviu falar?

MILTON: Não, não, não.

AUGUSTO: Então assim, só para mostrar como é que o processo militar também é cheio de falhas e de contradições, essa notícia fala da prisão do Aldo na Rua das Acácias na Pampulha, fala que o Aero Willys (automóvel), com o qual fugiram duas pessoas estava do lado da casa, o que seria um erro elementar, que ninguém cometeria, você larga o carro aqui e corre para lá. Mas também noticia-se muito que o Aero Willys ,teria sido encontrado em Olhos D'água, no Bairro Olhos D'água. Então assim, eu estou falando isso que encontrei essa informação lá, mas também no bati o olho na pepita de ouro não, só estou mostrando as contradições.

FAHID: Isso é um documento, isso é um confirmado, está caracterizado em datas posteriores à data, posterior a 07, onde consta a morte. Mesmo que tenha sido feito depois esse enfoque que se deu ele é muito verossímil, muito verossímil. Agora esse

da prisão posterior isso não, esse é surpreendente, aí seria um fato novo para aferir se aquela pessoa é presa, qual a diferença de tempo, se era Aldo Sá Brito, e qual foi o desdobramento daquela prisão, ela tinha que ter um desdobramento do inquérito específico daquela prisão.

AUGUSTO: Sim. Nós poderíamos, eu até me proponho a fazer isso com você, da gente abrir esse documento depois aqui, abrir esse documento para a gente ir olhando.

FAHID: Interessante.

AUGUSTO: Eu estou com o meu computador aqui, se tiver internet aqui a gente podia fazer isso até em seguida.

FAHID: Se você abrir, você tem o processo da pena de morte esse é o mesmo, é o mesmo processo?

AUGUSTO: É, está aqui no computador, pela internet a gente abre ele.

HELENA: Esse é o processo que começou.

FAHID: A cópia você tirou xerox daquele?

AUGUSTO: Tirei xerox do seu original aqui eu te entrego. Então é isso aí.

HELENA: É o mesmo processo que começou com a denúncia dos dois pelo assalto.

AUGUSTO: Pelo assalto, isso.

HELENA: Esse processo que tem seiscentas e tantas páginas ele.

FAHID: É que eles juntaram, eles já apensaram também, eles já apensaram, eu tenho apensado aqui um processo por uma outra ação que respondeu o Arnaldo, que o Arnaldo mais duas ou três pessoas para incriminar, para majorar a pena, para agravar, eles juntavam cópias de um processo no outro.

HELENA: E só o seguinte, nessa queda desse aparelho da Pampulha, está citado o nome de outras pessoas?

AUGUSTO: Não, o documento, bom, li correndo, mas assim, o que eu me lembro é que tem um registro de falar assim: "O Aldo foi preso no aparelho da Pampulha, Rua das Acácias.", fala.

MILTON: Com licença, um detalhe aqui muito simples, básico, ponto zero, como é que o DOPS nomeou que era Aldo Sá Brito? No meu caso nomeou eu, Milton Campos, e o Nilton Moraes.

HELENA: Se ele tiver sido preso.

FAHID: A prisão, desculpa.

HELENA: Se ele tiver sido preso ele deve ter.

FAHID: Isso é um bate-papo interessante, esse documento diz a data da prisão?

AUGUSTO: Não.

FAHID: Porque se tivesse uma data, gente, nada melhor para você derrubar do que a cronologia desencontrada.

MILTON: Claro, claro.

FAHID: Porque o tempo é linear.

AUGUSTO: Vamos falar da questão levantada pelo Milton aqui que é muito interessante. O Milton estava muito bem caracterizado, como é que você chama, ele falava o nome, o Milton estava muito caracterizado, mas quem não aparece fica a dúvida. A pessoa que pula, o negócio, os documentos falaram que a pessoa que pula, dizia-se chamar Aroldo.

MILTON: Está no documento?

AUGUSTO: Não, dizia-se, ele falava: “O meu nome é Aroldo.”, as depois o documento encontrado de posse dele era o Fernando Antônio Barcelar. É esse documento que tem junto ao processo que talvez seja esse que você se refere, tem a foto do Aldo, tem a foto clássica do Aldo, não sei nem se aquele cara é o Aldo, tem a foto.

FAHID: Eu também não sei, é tanto que falei com você.. (trecho incompreensível).

HELENA: E o que saiu no Estado de Minas no dia seguinte.

MILTON: (Trecho incompreensível) A imprensa colocou o Aldo.

HELENA: No dia seguinte, no dia do assalto, dia seguinte ao assalto tem notícia no Estado de Minas com a foto do Aldo e escrito embaixo: “Fernando Barcelar.”.

AUGUSTO: Por quê? Porque era o documento que ele tinha.

FAHID: Eu estou falando com você, as evidências na época eles não teriam nem tido tempo de fantasiar, há coisas muito rápidas, esse dado é um outro dado importante. Se fosse Estado de Minas fazendo reportagem histórica e investigativa, mas se foi no dia seguinte.

AUGUSTO: Como é que dá uma informação no dia seguinte? Isso é muito importante. Mas então aparece o nome do Fernando Antônio Barcelar com a foto do Aldo.

FAHID: O Estado de Minas roda à noite

HELENA: É esse mesmo.

MILTON: Mas como é que a foto é do Aldo, quem que representa?

AUGUSTO: Bom, então no documento que essa pessoa pulou, portava, pegam esse documento com Fernando Antônio Barcelar e a foto dele.

FAHID: A foto, é.

AUGUSTO: Então vai para os jornais.

FAHID: Nós não conhecendo fica difícil a gente.

AUGUSTO: Então vai para os jornais o nome Fernando Antônio Barcelar e a foto do Aldo, não é. E aí depois muda para Aldo, por isso que eles chegam no Aldo, porque com a, tem levantamento de impressões digitais.

FAHID: A versão que correu na época que eles ainda não havia identificado não, a movimentação, parece que os companheiros dele teriam feito contato com alguém da família, e parece que o cardeal, vazou isso na época, mas não ficou comprovado se foi ou se não foi. Que o próprio cardeal se movimentou e que os levou à certeza ou à identificação.

AUGUSTO: Não, a história que tem é a seguinte.

FAHID: Porque pelas digitais eles ainda não tinham, mas o pessoal da organização já tinha avisado a família, que tinha isso. Tanto que o nosso telefone de advogados, tão logo ocorriam prisões ele era censurado, e era uma censura primária, não era a de hoje não que você censura à distância, era tudo no grampo.

AUGUSTO: No grampo, no fio.

FAHID: No grampo, não é? Tinha hora que puxava linha você não conseguia pedir: “Oh, cara, eu preciso falar com urgência, põe no gancho.”, não estou brincando não. Tinha uma namorada, pô, os caras cantaram a namorada que eu tinha em cima do grampo, não estou brincando não, estou brincando não, estou falando sério.

AUGUSTO: Bom, mas então aí que insurge a dúvida.

FAHID: Então era primário o grampo, então é tanto que nós não encontrávamos com familiares qualquer coisa, a gente procurava um jeito de procurar fora do escritório e não falar por telefone.

AUGUSTO: Bom, com relação ao negócio do cardeal, a informação que tem nos jornais e nos processos todos que eu li, é que quando a avó dele fica sabendo, e ela sendo parente dela.

FAHID: Foi ela, ela movimentou.

AUGUSTO: Ela procura o cardeal, o Jânio Câmara, ele dá uma carta para ela, ela vem a Belo Horizonte, procura o Cardeal de Belo Horizonte, o Cardeal de Belo Horizonte ajuda ela, ele não tem a Belo Horizonte não.

FAHID: Não, mas houve uma interferência familiar.

AUGUSTO: Houve, houve essa interferência que eu acabei de falar.

FAHID: Que houve, houve e não havia como.

AUGUSTO: Houve.

FAHID: Eles avisavam a família, e tal, para salvar a vida, quantas vidas foram salvas avisando a gente advogado? Que a gente tinha uma fórmula de chegar mais próximo.

AUGUSTO: Oh, Fahid, no processo que eu olhei ontem tem um documento que não tem nas xerox que você me emprestou, muito interessantes. Parece que é um relato da televisão, sabe? Se não me engano o Nilton fala assim: “Demorou para chegar e a televisão chegou.”, acho que é ele que alega isso, deu tempo da televisão chegar, eles demoraram a te levar, não é? E aí pede à televisão para mandar, e a televisão manda um texto que é o que estava sendo noticiado. Aí tem umas gravações, parece que eles escrevem como se estivessem vendo a televisão e descrevendo a fala de quem apresentou. Então isso é um documento frágil, não é?

FAHID: Mas sempre soma.

AUGUSTO: Mas sempre soma, e a fala.

FAHID: Até mentira às vezes ajuda você a chegar na verdade.

AUGUSTO: E na página 378 desse documento fala que o Aldo fugiu no Aero Willys, que ele sim estava no assalto, mas que ele fugiu no Aero Willys.

FAHID: Esse fato pode mudar toda a história, então aí pega esse veio, pega essa linha, busca esse processo, quando foi o Aldo, o nome inteiro dele, e qual foi o desdobramento e o sequenciamento e o cara não ia ter uma ação, não ia ter isso e não tem um sequenciamento. Se ele, mas o Aldo teria sido preso? Teria, pela informação

AUGUSTO: Ele foge no Aero Willys e depois com a queda do aparelho da Rua das Acácias ele é preso.

FAHID: Então ele é preso no aparelho?

HELENA: Mas aí quem teria caído, o relato de que alguém caiu, que alguém foi preso.

AUGUSTO: Era o Fernando, era o Fernando.

HELENA: O Fernando Barcelar? E porque que tinha a foto do Aldo?

FAHID: O documento do Fernando Barcelar era falso.

HELENA: Se ele foi preso, essa é uma coisa, porque se ele foi preso.

FAHID: Essa fotografia do Fernando Barcelar é atual.

HELENA: Teria jeito de tirar a foto dele.

FAHID: A fotografia do Fernando Barcelar no documento de identidade falsa é do Aldo, então aí realmente há falhas, há falhas. Então em cima dessas falhas que vocês vão trabalhar.

AUGUSTO: Fala-se muito no processo, e essa coisa não anda, não tem prosseguimento, é que alguém teria se passado por Aldo, sabe? Então que seria o Fernando querendo se passar por Aldo, pondo a foto do Aldo no documento dele. Então tem informações assim, foi até feito muito correndo, e jornal noticiando coisa errada, mas então fala outra coisa é esse que fala do Aldo fugindo do Aero Willys. Outra coisa que eu queria ver com você que tem foto com manchas de sangue nas escadas do prédio. Porque essa pessoa que caiu não sai pelas escadas, ele cai no chão numa área de serviço lá e sai por fora. De quem seriam essas manchas? Seriam do Nilton?

HELENA: Mas às vezes para sair do prédio carregando ele isso aí ele teria saído.

FAHID: É preciso ver como é que foi o atendimento do menino, do Marcelo, se ele correu baleado mesmo, foi lá para a casa dos pais, isso é preciso ver, pode ser.

AUGUSTO: O Marcelo não morava nesse prédio?

FAHID: Não, no prédio.

AUGUSTO: Não, ele morava em outro prédio, ele não morava nesse prédio não, e ele vai direto.

FAHID: Tinha mancha de sangue nesse prédio?

AUGUSTO: É, e eu fiquei pensando, será? Tem um relato de uma mulher que fala que viu uma pessoa sendo conduzida para o carro com sangue nos lados do rosto. A minha dúvida é o seguinte: o Nilton foi, o Nilton tem informações de que o Nilton teria sido espancado lá dentro do prédio? Teria sido levado umas porradas lá?

FAHID: Aí espancado, torturado não, pode até levar, desculpa a expressão que mais define, levado porrada.

AUGUSTO: Levado porrada?

FAHID: É, é.

AUGUSTO: O sangue poderia ser do Nilton, não é?

FAHID: Isso é uma rotina, é uma rotina brutal da humanidade.

AUGUSTO: Outra coisa que eu achei muito engraçado é que tem uma mulher que está dentro do apartamento na hora que os dois chegam no apartamento, tem uma pessoa lá dentro, essa pessoa chama Nalzira, ela chama Nalzira, é a empregada do prédio, ela chama Nalzira.

FAHID: Vocês apuraram o nome dos policiais que participaram da captura no processo? Deve ter.

AUGUSTO: Tem sim.

FAHID: Seria interessante ouvi-los também.

AUGUSTO: Bom, mas a Nalzira.

FAHID: Está tudo prescrito.

AUGUSTO: A Nalzira Antônia da Fonseca ela está dentro de um apartamento.

FAHID: Porque se o tiroteio não foi nem em função de tortura não prescreve, mas o tiroteio uma ação policial que participou eu tenho certeza que o policial que atirou ele não atirou para, houve tiro, ele entrou e ele atirou agachado, a bala foi ascendente, essa bala nós levamos para o Superior Tribunal Militar.

AUGUSTO: Essa aí não tem dúvida, essa aí você já comprovou isso com muita, você já comprovou isso com muita.

FAHID: Isso para a sociedade, porque a nossa preocupação Magela e minha, era livrar o Nilton da pena de morte e transformar ação em tentativa.

AUGUSTO: Isso foi brilhantemente defendido.

FAHID: Foi, foi.

AUGUSTO: Agora eu queria falar com vocês da Nalzira que é uma coisa que...

FAHID: E lamentar o azar deles terem caído, não é, Milton?

AUGUSTO: A Nalzira então conta que a mulher que está dentro do apartamento, só tem o depoimento dela na primeira fase, depois não se fala mais, é como se não tivesse interesse em ver quem que era essa pessoa, entendeu? O que me assusta é isso, uma pessoa.

AUGUSTO: Não, aí teria sido uma falha, é porque para nós advogados na ocasião.

FAHID: A Nalzira fala da presença de apenas uma pessoa no apartamento, na hora que ela vê entra uma pessoa ela não fala: “Entram duas.”, ela fala: “Entra uma pessoa.”, e ela pergunta: “O quê que você quer?”, ela pergunta para essa pessoa, o cara fala com ela: “Cala a boca.”, sabe? Ela entra correndo no quarto que ela estava com uma filha de três meses, e sai do apartamento e não vê mais nada. Mas ela não fala de duas pessoas, ela fala de uma.

FAHID: Pega o depoimento do Nilton tanto no flagrante quanto na.

AUGUSTO: Ele fala de dois, fala de dois, mas eu não sei o quê que o Milton está falando, se eles mandaram ele assinar.

FAHID: Não, não, vê o quê que ele fala no interrogatório, no interrogatório.

MILTON: Não, não é o Nilton.

AUGUSTO: O Nilton?

FAHID: É, no interrogatório.

AUGUSTO: Não, é Nilton?

FAHID: É, no interrogatório, vê no interrogatório da justiça se ele foi perguntado sobre isso, se ele confirma lá.

AUGUSTO: Sim, ele fala de dois.

FAHID: É?

AUGUSTO: É, são as contradições que eu estou atrás dela. Um primeiro depoimento, se eu não me engano, do Nilton, fala que ele pulou da janela do banheiro, eu falei: “Gente, janela de banheiro ninguém passa pela janela do banheiro.”. Mas o depoimento da Nalzira já fala que encontrou marcas de sapato no parapeito da área de serviço, então indicando que alguém pulou, o depoimento da empregada que estava ali, falou que viu marcar de sapato com indicação de que alguém.

FAHID: Desculpa sair para o outro assunto, isso me remete a Oscar Nardoni, até hoje não estou convencido daquilo não.

AUGUSTO: Agora.

FAHID: Depois fora da gravação eu digo para vocês, porque razão eu não estou convencido.

AUGUSTO: Outra coisa que me chama a atenção é que uma testemunha, aqui eu não anotei o nome dela não, está nesse processo, está da janela olhando, e vê apenas uma pessoa ser presa em um tanto de coisinha assim, e não em duas, porque tinha o Nilton e mais o outro que pulou. Mas assim, são essas coisas que fala correndo.

MILTON: É, quem nem pode ter acontecido também a insegurança, do medo de ficar olhando também.

AUGUSTO: Sem dúvida.

FAHID: E também um foi num canto e o outro foi no outro.

AUGUSTO: Eu fico muito, fiquei muito assustado como que tem muita bobagem. O Globo, o jornal na página 45 fala que Aldo recebeu tiros, a necropsia dele é de fraturas e de torturas, mas não tem tiros. O jornal o Globo fala que se chamava...

FAHID: Isso é notícia da imprensa da época?

AUGUSTO: É.

FAHID: Ah isso era passado pelos inspetores...

AUGUSTO: O Globo do dia 15 de janeiro fala que prendeu o Aldo, o jornal O Globo fala do 15 de janeiro a prisão do Aldo. Outro aqui, O Globo, sem data, fala que o Renato Aragão, olha para você ver essa informação, O Globo, sem data, mas pode descobrir, porque tem a notícia da troca dos presos.

FAHID: Até o Renato Aragão já morreu, o delegado.

AUGUSTO: Então fala que, o jornal noticia que o Renato Aragão falou, deu uma declaração que ele mais vinte policiais haviam prendido o Aldo em uma casa no Bairro Santa Inês. Notícia na mesma matéria que o corpo de quem pulou era Fernando, e que a nota do DOI-CODI informava que o corpo era de Aldo, reconhecido pela família. Sabe que o corpo de Aldo só foi visto pelos familiares no Rio, não é, ninguém viu o corpo do Aldo aqui não. As notícias são confusas.

HELENA: A mãe viu aqui, ela reconheceu ele a segunda vez.

AUGUSTO: A avó?

HELENA: A avó, a avó, a avó reconheceu.

FAHID: Isso é no Hospital Militar?

HELENA: Não, não foi no Hospital Militar não, foi o segundo corpo que mostraram para ela.

AUGUSTO: O primeiro?

HELENA: No depoimento dela, o primeiro não era ele.

FAHID: Na medicina legal, talvez.

HELENA: Aí ela foi embora e voltou.

MILTON: E o corpo foi para o Rio de Janeiro, sepultado lá?

AUGUSTO: Foi.

HELENA: Sepultado lá.

AUGUSTO: Para o Rio de Janeiro.

HELENA: Eu acho que nessas alturas a gente tem que fazer o seguinte, o quanto o depoimento é e foi importante isso, vocês terem recuperado várias coisas que vocês já tinham inclusive dito para o Augusto, e deu algumas convicções, tem um cenário montado, mas eu acho que a gente não avança mais do que isso no depoimento.

FAHID: Não, não, é, realmente.

HELENA: Depois, mais tarde, outro dia se principalmente Fahid se dispuser a ver com o Augusto todas essas peças do próprio processo, aí pode checar mais as datas e tal. Pode ser assim?

AUGUSTO: Pode.

FAHID: É claro.

HELENA: Então a gente tem a agradecer mais uma vez, e provavelmente nós teremos...

FAHID: Quem tem que te agradecer...

MILTON: Estamos as ordens, continuo as ordens.

FAHID: Quem tem que agradecer e agradecer ao Augusto, agradecer à Comissão, que eu acho mais importante do que punir agente da repressão é contar a verdade verdadeira para não termos o alto da devassa que só tinha a informação do vencedor.

HELENA: E mesmo nós, não sei se vocês sabem, mas tem muitos dos militantes, dos resistentes, que consideram que as listas já estão feitas, que isso já está resolvido. Não está resolvido, do Aldo nós estamos vendo.

FAHID: É inesgotável, é inesgotável, tem muita coisa. Eu comentei para eles outro dia, o Milton, não fosse esse processo da pena da morte, não fosse o Aldo, estava trabalhando no anonimato. 80% desses jovens e dessas jovens que participaram da resistência, alguns ideologicamente, outros por emoção, outros pelo sentimento de liberdade.

MILTON: Pela justiça.

FAHID: E a maioria fez isso por um sentimento de grandeza humana, não fez para fazer política posteriormente, não fez para ficar na história, não fez para nada, fez para se insurgir contra o mal. E eram meninos e meninas, poucos, poucos, a não ser o pessoal ligado mesmo à esquerda histórica, tinha na ocasião mais de 25 anos de idade, faz o levantamento, Helena.

HELENA: É isso.

FAHID: Faz um levantamento, poucos, a não ser aqueles ligados ao Partidão.

HELENA: Ao Partidão que já tinha mais idade?

AUGUSTO: Fahid, o Aldo é preso no Rio de Janeiro, alguns meses antes dessa data, e estranhamente foge, foge. Ninguém consegue explicar como é que ele conseguiu fugir, o que é um fato muito engraçado, como é que o cara foge? Naquela época vocês ficavam.

MILTON: Ele ficou preso? Fugiu de onde?

AUGUSTO: Ele fugiu, ele estava preso no Rio respondendo a processo.

MILTON: Pois é, mas estava na Delegacia de Polícia, no DOI-CODI, na Marinha no Exército?

AUGUSTO: Não sabe, fala-se muito por alto ali. Fala-se muito por alto nisso, estava preso ele mais 08 pessoas e ele consegue fugir. E ninguém explica como é que ele conseguiu fugir. O Aldo foi preso no Rio alguns meses antes do assalto e conseguiu fugir, situação nunca claramente esclarecida. Pergunto: Na sua opinião isso reforça a tese de que ele foi morto na prisão do Rio e incluído no assalto com todas as

contradições conhecidas para julgar a sua morte em tortura no Rio? É um fato engraçado, como é que um cara foge naquela época? Você fugia o cara que era ladrão de galinha que estava na cadeia lá em Salinas.

FAHID: Qual a diferença de tempo entre um fato e outro?

AUGUSTO: Alguns meses antes.

FAHID: Alguns meses? Eles arrumariam uma fuga, um tiroteio depois?

AUGUSTO: Não precisava ser tão.

HELENA: Mostraram o corpo dele, o corpo dele estava recém, 07 de janeiro, tinha que estar morto há pouco tempo.

AUGUSTO: Não, ele não tem dúvida que o Aldo foi morto entre o dia 06 e 07 de janeiro, ele não morreu seis meses antes não, mas ele estava preso, ele estava preso alguns meses antes, estava preso no Rio alguns meses antes, e depois foge?

HELENA: Teria denúncia, se ele tivesse sido preso teria denúncias de militantes.

FAHID: Teria que ver as outras pessoas que estavam presas com ele para ver o comportamento prisional dele, é uma história realmente que demanda coisas que a gente não pode nem em voz alta falar, as possibilidades macabras que existia na época para não levantar injúria sobre a memória da pessoa, eles usavam mil e uma coisas. Inclusive eu dou o exemplo, meu irmão me pediu um revólver para levar para ele para o Hospital Militar que ele havia combinado com um soldado PE, um dos sentinelas da GAL, que ele iria aderir e fugir com ele. Falei com ele: “Imbecil, ou é para te matar na fuga ou para infiltrar o soldado”. Porque eles estavam tão embevecidos com a luta, eles queriam tanto vencer a ditadura, que tinha momentos que eles não raciocinavam com a lógica do capeta, mas sim com a pureza dos santos.

AUGUSTO: O depoimento de um policial o Airton Reis de Carvalho.

FAHID: Eles estão cansados de fazer várias infiltrações dessa maneira.

AUGUSTO: O depoimento do policial.

FAHID: Eles mataram várias pessoas dessa maneira, estou revelando um fato para vocês, isso é interessante que foge do assunto, mas num papo informal.

HELENA: Foge esse assunto específico, mas é parte de uma técnica.

FAHID: Era uma técnica diabólica.

HELENA: Uma estratégia.

FAHID: Diabólica, diabólica, diabólica, mas era um fato, ele me pediu um revólver, eu falei: “Imbecil.”, falei com ele: “O imbecil, ou é para te matar na fuga ou para infiltrar o cara.”, ele acordou.

HELENA: Isso foi no Rio de Janeiro?

FAHID: Não, no nosso habitat, São Paulo, ele ferido...ele ferido....

HELENA: São Paulo. Então eu quero saber porque eu, deixa eu te explicar porque, eu estou atrás também das pessoas torturadas em Minas Gerais. Então eu perguntei para o Milton, porque com a confirmação dele, é o nome, nós pesquisamos nos processos indenizatórios, que você não entrou, então seu nome não deve estar lá, ou você entrou no processo do CONEDH?

FAHID: Conselho de Anistia?

HELENA: No Conselho de Direitos Humanos de Minas Gerais, entrou?

MILTON: Acho que entrei, foi na época?

HELENA: Então eu estou te perguntando para eu checar lá se tem você ou não.

FAHID: O meu irmão entrou aqui porque quando ele foi transportado para o DOPS aqui, houve realmente problemas já não de tortura direta, mas de mal trato e tal. Não fosse uma intervenção séria mais uma vez do auditor mandando ele para fazer tratamento aqui em Belo Horizonte ele teria, eles brincavam com as pessoas.

AUGUSTO: Bom, então tem vários comentários aqui, mas são muito repetitivos.

FAHID: Helena, vou te contar você vai ficar pasma, eu fiquei detido no quartel general em Juiz de Fora durante uma tarde inteira, eles achando que eu estava, porque meu irmão...eles tinham uma informação que eu passei para você que é uma outra história, achando que o meu irmão que estava em tratamento aqui no Hospital das Clínicas tinha fugido vestindo a minha roupa de advogado e à base da minha carteira de advogado e perdendo a autorização de visita para ir à Linhares libertar os colegas. O General Bandeira colocou de prontidão o quartel, até que terminasse a audiência, já no início da noite, o Simeão Faria, que era da confiança deles, fosse lá para me reconhecer se eu era o advogado ou não. Não tiveram nem o elementar cuidado de procurar o Sargento Odair que estava jogando vôlei, para perguntar ao Sargento, ele errou o nome, pegou a papeleta e colocou o nome do meu irmão como advogado, porque ele colocou o nome, meu irmão era fichado como um dos presos de Linhares de autorização de visita, mas estava em DOPS. Então ele colocou por erro. Então era uma paranoia que você não imagina, era uma paranoia que você não imagina. E paranoico é capaz de tudo.

HELENA: Será que isso vale a pena tratar aqui? Essas outras coisas?

AUGUSTO: Quais coisas?

HELENA: Que você ainda tem aí?

AUGUSTO: Não, eu não tenho muita coisa não, aliás, eu tenho muita coisa, mas é a mesma coisa que eu peguei desse documento que eu li ontem, que é do Militar, e as inúmeras referências à prisão de Aldo posterior.

FAHID: Isso são dados materiais que você está trazendo, interessante para perquirir e encaminhar em cima deles.

HELENA: Mas tem que voltar nos documentos, é isso que tem que sentar com o Fahid e voltar nesses documentos.

FAHID: As informações que se tem da ocasião, que chegaram ao nosso conhecimento, embora, inclusive, tem aspectos aí que Magela e eu cuidamos de ver especificamente o problema da ação da apropriação para a tese de tentativa. E principalmente livrar, descaracterizar, desqualificar a prova do disparo, a prova pericial do disparo, e a prova e o laudo. Eles falsificaram o laudo médico, rasuraram o laudo porque o médico que assinou o laudo médico foi o médico normal, foi o médico, não foi o deles não, como é que eles iam procurar esse médico para mudar? E não estava o laudo nos autos, o Mauro Seixas Telles, nós conversamos com ele pessoalmente, não requeremos, e ele pediu, porque o Mauro tinha um lado humano forte, ele era um juiz concursado, caiu naquela mazela que era a ditadura na época. Então dentro do espaço mínimo que ele tinha, o que ele podia fazer para ajudar ele fazia, senão eles prendiam era ele. Então esse documento chegou nós ficamos caladinhos, foi só no dia do julgamento, o julgamento foi filmado para a TV Alemã, para provar que no Brasil se tinha julgamento. Foi uma simulação, eles matavam era na rua, não precisava de pena de morte não, pena de morte era para simular. Tem aqui uma legislação com a pena de morte precedida de inquérito, de denúncia, de contraditório, de defesa. Foi uma fantasia para disfarçar os assassinatos que eles faziam, os assassinatos ditatoriais, os assassinatos que eles faziam, o estado fazia os assassinatos ao arripio da lei que tinha obrigação de defender. Então para dizer que aquele estado era um estado normal, a coisa mais esperta que a ditadura utilizou, e pouca gente já levantou isso, eles foram mais inteligentes que Getúlio que criou o Tribunal de Segurança, eles mandaram para a Justiça Militar que é uma Justiça Tradicional, talvez seja das mais antigas.

HELENA: Toda montada?

FAHID: Toda montada, estruturada com código próprio para julgar delitos castrenses, foram de uma habilidade incrível, isso deve ter sido partido do Mago Uberi (?), depois



ele teve dificuldade de desfazer o fio de meada que ele montou, ele se arrependeu tanto que tentou desfazer ficou 10 anos tentando desfazer.

HELENA: Então muito obrigada pelo depoimento.

FAHID: Helena, eu espero, agora olha.

HELENA: Armando?

FAHID: Isso Augusto.

HELENA: Espera aí um pouquinho porque ele não.

FAHID: Tem que me desmontar?

HELENA: É, porque senão você começar a falar aí e ele deve estar gravando.